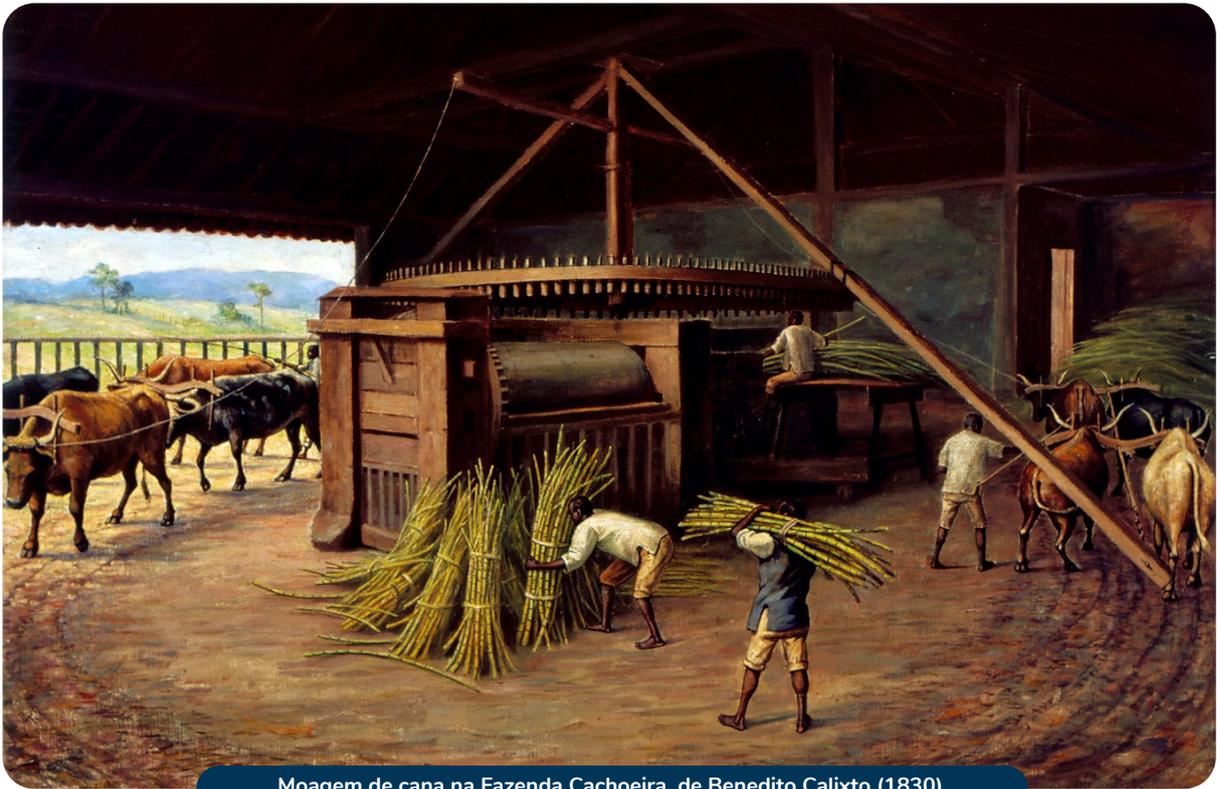




CICLO DO AÇÚCAR



Moagem de cana na Fazenda Cachoeira, de Benedito Calixto (1830)

Segundo o historiador Caio Prado Jr., a história do Brasil pode ser dividida em ciclos. O primeiro, logo após a chegada dos portugueses, teria sido o ciclo do pau-brasil, que pouca importância teve para a ocupação e desenvolvimento da colônia. Já o segundo, o **ciclo do açúcar**, foi de vital importância para ela, tendo sido responsável pela consolidação da colonização do Brasil.

ANTECEDENTES

O **cultivo de açúcar** já era do conhecimento português, em parte pois o saber e a técnica do cultivo da cana e do açúcar foram desenvolvidos pelos **muçulmanos do norte da África**, os mesmos que “colonizaram” a península ibérica por quase 700 anos. Assim, estes saberes foram repassados com o passar dos séculos para os outros povos ibéricos que conviviam com estes muçulmanos. Posteriormente os portugueses vieram a aplicar estas técnicas em **suas colônias** nas ilhas atlânticas do litoral da África, como o arquipélago da **Madeira** e de **Cabo Verde**.



Além de conhecer as técnicas de cultivo do açúcar, esta especiaria era **altamente valorizada na Europa**, devido à sua raridade. A ideia que o reino de Portugal teve então foi implantar na colônia brasileira, principalmente no litoral, um grande **empreendimento comercial açucareiro**.

Além da alta valorização do açúcar, a iniciativa também se justificava por Portugal ter perdido na época, final do século XVI, o **monopólio nas Índias Orientais**. Sendo assim, os lusitanos precisavam urgentemente encontrar uma nova forma de alavancar o seu comércio e sustentar o Império.

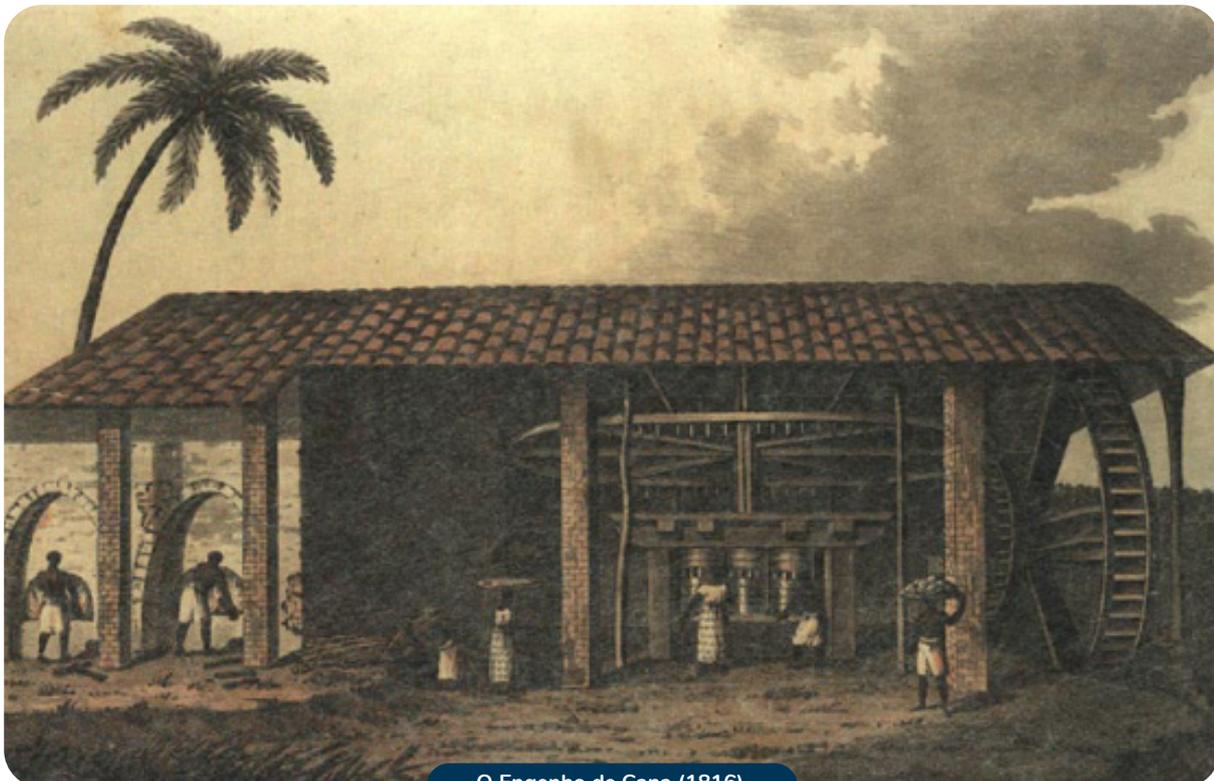
A PARCERIA COM A HOLANDA

Como Portugal carecia dos altos recursos financeiros necessários para investir na produção do açúcar, a solução encontrada foi realizar uma **parceria** com a Holanda. E essa parceria era mais que natural, pois os holandeses dominavam a técnica de **refinamento de açúcar** e a distribuição dele na Europa.

Então os Holandeses se comprometeram não apenas a **financiar a construção dos engenhos** em terras brasileiras (onde vai ser produzido o Melado de cana e o açúcar bruto, conhecido como Mascavo), mas também do **transporte** destes produtos até a Europa, onde eles refinavam o açúcar e o vendiam no mercado europeu.



Navio Holandês e outras embarcações, pintura de Hendrik Rietschoof



O Engenho de Cana (1816)

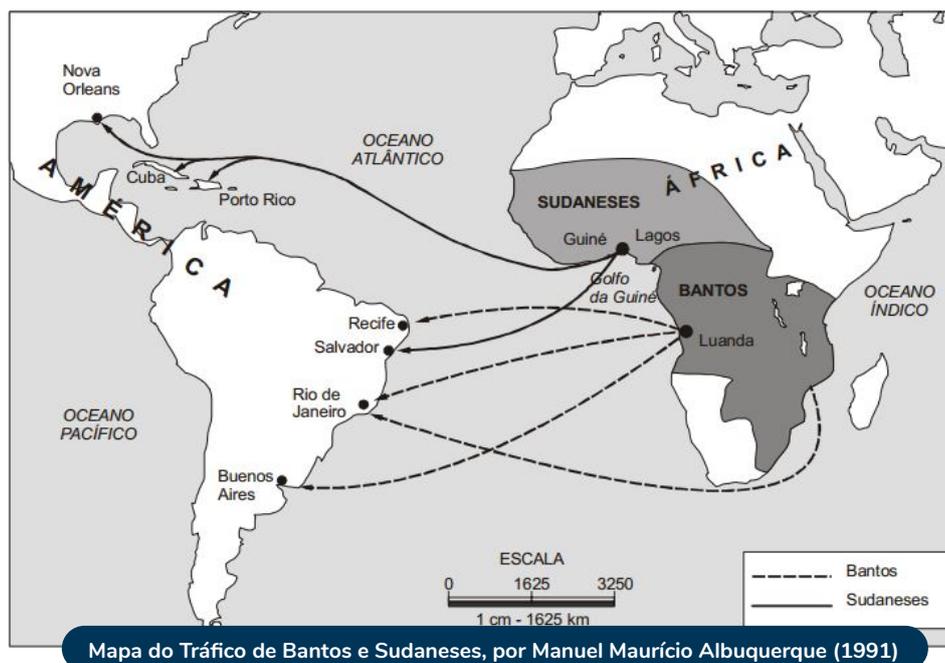


Evidentemente, na montagem desta verdadeira empresa colonial, quem mais ganhava eram os holandeses, com lucro em torno de 75%. Os portugueses ficavam com 20%, e os colonos do Brasil com algo em torno de 5%. Todos estes valores são aproximados, visto que podiam variar de engenho para engenho.

O sistema de plantio e exploração que foi montado nas colônias americanas em geral, ficou conhecido como **plantation**. Este conceito implica numa grande propriedade (**latifúndio**) que é utilizada para a plantação de um só produto para exportação (**monocultura**) e que será operada por mão de obra escrava (**escravidão**). Deve-se destacar que as fazendas deste modelo ainda cultivavam outros tipos de alimento, mas todos eram utilizados para **consumo próprio** na fazenda.

O TRÁFICO ATLÂNTICO DE ESCRAVOS

É importante salientar que foi **devido ao empreendimento** do açúcar que a colônia passou cada vez mais a traficar africanos escravizados. A Coroa portuguesa possuía **grande interesse** no tráfico visto que também trazia lucro ao Império, e dava preferência em trazer escravos com **experiência** no cultivo e produção de açúcar na costa da África.



Segundo o economista e historiador Celso Furtado, os traficantes de escravos foram os que **mais lucraram** com o empreendimento açucareiro montado no Brasil Colônia. As maiores fortunas do século XVII pertenciam a homens engajados no comércio de seres humanos de origem africana.

Por outro lado, os africanos escravizados eram usados não apenas no ciclo de produção de açúcar, mas também para realizarem as mais simples tarefas, tanto dentro do ambiente doméstico quanto fora. A imagem abaixo é bem ilustrativa nesse sentido:



O Regresso de um Proprietário, por Jean Baptiste Debret (1816)

RESISTÊNCIA NEGRA

Obviamente, os africanos escravizados e seus descendentes resistiram de várias formas. Uma das mais conhecidas foram os **quilombos**, que eram acampamentos militares e autossuficientes para onde eles fugiam em busca de liberdade.

O maior de todos foi o complexo de quilombos conhecido pelo nome **Quilombo dos Palmares**, que se localizava na Serra da Barriga, entre Pernambuco e Alagoas, cujo último líder era conhecido como **Zumbi dos Palmares**. A palavra **zumbi** é uma corruptela da palavra quimbundo **zambi**, que significa grande deus.

Mas existiram centenas de outros quilombos e formas de resistência à escravidão, como por exemplo o **suicídio**, **aborto** e **revoltas violentas contra os senhores**, que resultavam no assassinato deles. O fato é que o negro no Brasil sempre foi alvo de violência e sempre resistiu à mesma, muitas vezes com a própria vida.

SOCIEDADE AÇUCAREIRA

O tipo de sociedade que se constituiu no Brasil em decorrência da produção do açúcar, era do tipo patriarcal. Isto significa que os poderes (social, político e econômico) estavam concentrados nas mãos dos **senhores de engenho**. Assim eram conhecidos os donos das unidades produtoras de açúcar.

Nesta sociedade imperava a **imobilidade social**, o que significa que muito dificilmente alguém nascia numa classe social e subia para outra comparativamente melhor. Por outro lado, nesta sociedade açucareira não existiam somente **senhores de engenho** e **escravos**, mas também vários **homens livres** que executavam as mais diversas funções, tais como **comerciantes**, **artesãos**, **funcionários públicos** e etc.